

A TRADUÇÃO ORIENTADA PELO FÔNICO: UM OLHAR SAUSSURIANO PARA DUAS TRADUÇÕES DE *LARANJA MECÂNICA*

TRANSLATIONS ORIENTED BY THEIR PHONICAL ASPECTS: A SAUSSUREAN PERSPECTIVE TO TWO TRANSLATIONS OF A CLOCKWORK ORANGE

Bianca Czarnobai De Jorge¹

RESUMO: A tradução como objeto de estudo é bastante interessante para pensarmos sobre os usos da linguagem, o que pode implicar diversas áreas de conhecimento, incluindo os Estudos da Linguagem, a Linguística e os Estudos Literários. Em textos cuja orientação é de ordem fônica, como poemas, uma reflexão sobre língua e linguagem se faz fundamental enquanto ambientes de produção de sentido. Esse também é o caso de *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess. Tendo em vista que o legado saussuriano apresenta profunda análise acerca de língua, linguagem e do valor que estas permitem instaurar, viabilizando uma vasta possibilidade de temas de estudo, a tradução também se vê facilmente amparada pela reflexão proposta na obra saussuriana. Assim, propomos a análise de traduções da referida obra segundo conceitos saussurianos como: língua, sistema, signo e valor. Esses conceitos se mostram fundamentais ao estudo da tradução, especialmente quando articulados e deslocados para as diferentes possibilidades de produção de sentido.

Palavras-chave: Tradução; valor; língua; fônico; *nadsat*.

ABSTRACT: Translation is a quite interesting object of study, especially when we think about the usages of language, which might implicate many different areas of knowledge as Language Studies, Linguistics and Literature. In texts that present an orientation towards phonic aspects of language, such as poems, a reflection about *langue* and language is fundamental as places of meaning production. That is the case of *A Clockwork Orange*, by Anthony Burgess. Considering that Ferdinand de Saussure's theoretical legacy present a deep analysis of what *langue*, language and value allow to establish, enabling an extensive number of possibilities in terms of study, translation can also be easily supported by the ideas proposed in Saussurean works. Therefore, we propound an analysis of two translations of the already mentioned book according Saussurean concepts as: *langue*, system, sign and value. Those concepts seem to be fundamental to the study of translation, mainly when articulated and moved towards different possibilities of producing meaning.

Keywords: Translation; value; language; phonic; *nadsat*.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e doutoranda em cotutela pela Université Paris-Saclay em Musicologia. Tradutora e professora de língua inglesa independente.

1 Introdução

Estudar a tradução é algo profícuo e interessante em si. Não por acaso é foco de dos mais diversos campos, partindo do mais específico, como os Estudos de Tradução, passando pela Linguística, pela Literatura e pelos Estudos Culturais, entre outras áreas que também tangenciam tal objeto². Existem teorias concebidas exclusivamente à investigação das peculiaridades da tradução, e não são menos variadas em seus pontos de vistas dos diversos campos minimamente elucidados. A tradução pode ser considerada como atividade, como fenômeno, como arte, e pode ocupar lugares distintos enquanto objeto. Tal variedade de abordagens sugere uma complexidade e uma pluralidade acerca do ato tradutório, o que nos leva a refletir sobre o que está envolvido nesse ato.

Poderíamos afirmar que tal riqueza se dá pela tradução estar, necessariamente, ancorada na linguagem, o que explica sua heterogeneidade – perspectiva que nos agrada particularmente. No entanto, a tradução ocupa um lugar limítrofe ainda que na linguagem, envolvendo a transposição e a comparação de sentidos entre dois idiomas. Esses idiomas apresentam, cada um, formas específicas e articulações próprias, o que lhes confere produtos diferentes em termos linguísticos e textuais. Poderíamos, assim, considerar a tradução como um ato de linguagem, mas também de língua, tendo em conta que ela é, nada mais, nada menos que a tentativa de (re)organizar, em outro idioma, os sentidos que se apresentam organizados em um texto redigido em um idioma primeiro (ou mesmo segundo).

Se entendermos a tradução como um ato de linguagem, podemos, também, abordá-la de um ponto de vista linguístico; podemos, inclusive, considerar cada idioma como uma expressão singular do sistema da *langue* como pensado por Saussure – apresentando inventários fonéticos, fonológicos, morfológicos e sintáticos particulares – e vislumbrar a dificuldade em contornar as diferenças entre os sistemas. É considerando a tradução dessa perspectiva que apresentamos uma leitura de tradução ancorada na reflexão que o legado saussuriano nos proporciona: entendendo a língua como sistema, e suas articulações como produtoras de falas e discursos. Acreditamos que tal reflexão em muito contribui para a formação do tradutor e para a própria atividade tradutória.

Contudo, como já diria o mestre genebrino em seus manuscritos, nenhum objeto pode ser compreendido como dado no campo da linguagem, ele deve ser demonstrado como pertencente a este campo (SAUSSURE, 2011, p. 83). Por essa razão é que iniciaremos nossa reflexão com a problemática que a suscitou primeiramente: como olhar para a tradução de textos que desafiam o tradutor no âmbito das formas linguísticas e dos sentidos que a elas estão atrelados?

Embora a pergunta não apresente uma única resposta possível, trazemos aqui algumas considerações que possam servir a esse e outros questionamentos sobre a tradução. Para tanto, observaremos trechos³ de *A Clockwork Orange* (ou *Laranja Mecânica*) e de duas traduções suas. A

² Devido às diversas perspectivas sob as quais se poderia abordar ou definir a tradução, diferentes teóricos se ocuparam de tal questão a partir de seus enfoques e interesses específicos. Munday (2016) é um desses autores e se ocupa de uma discussão a esse respeito no seu primeiro capítulo, citando os Estudos de Tradução segundo um contexto multidisciplinar.

³ Os trechos selecionados para o presente artigo são uma redução do corpus de análise da dissertação que lhe dá

obra do autor inglês transita entre dois idiomas, o inglês e o russo, o que apresenta um desafio acerca das formas linguísticas já em seu contexto discursivo (de língua inglesa).

Para que possamos discutir as traduções, nos parece necessário compreender essa primeira maneira de ser da obra, o que alguns chamariam de “original”.⁴ É partindo do primeiro texto que o tradutor e/ou o estudioso de tradução podem refletir acerca das possibilidades da obra em outro idioma (no caso, em língua portuguesa). Passemos a isso para, mais tarde no texto, nos debruçarmos sobre como a reflexão linguística de base saussuriana pode ser uma aliada no processo – nosso principal objetivo⁵.

2 A *Clockwork Orange*: o russo anglofonizado de Burgess

A *Clockwork Orange*, do britânico Anthony Burgess, publicado simultaneamente na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1962, é um romance que apresenta a rebeldia adolescente típica do período e observada pelo autor em diversos dos países em que residiu (BURGESS, 2012). Tal rebeldia é retratada pelo comportamento ilícito de um grupo de quatro amigos, passando pelo uso de narcóticos e pela violência explícita e despropositada. No entanto, todo o comportamento é ressaltado e enfatizado pela linguagem peculiar dos rapazes: o *nadsat*.

O *nadsat* é a língua em que a obra é redigida, sendo mais do que a língua utilizada pelos rapazes: é o *nadsat* que organiza e dá o tom da obra em si. O nome dado ao dialeto também não é aleatório ou ingênuo – a palavra russa escolhida pelo autor significa simples e elucidativamente adolescência. Em termos de estrutura, *grosso modo*, o *nadsat* é composto de vocábulos de língua russa e de língua inglesa em uma sintaxe de língua inglesa, apresentando sentido e forma adaptados para o contexto comunicativo e, aparentemente, para o leitor nativo da língua inglesa.

No entanto, a explicação da linguagem dos rapazes (*druguis*), através da tradução de seu nome, e a breve observação sobre o seu funcionamento não esclarecem tudo, e o leitor que espera encontrar uma espécie de aplicação do idioma russo poderá se decepcionar. O que ocorre textualmente não é exatamente ordinário: os termos escolhidos por Burgess apresentam uma grafia peculiar e sentidos mais adaptados do que se poderia prever. No quadro a seguir, alguns exemplos demonstram a diferença entre a grafia utilizada por Burgess em comparação com duas transliterações oficiais do russo para o inglês estadunidense⁶, que é um a primeira característica a ser observada.

origem. Buscamos trazer exemplares que demonstrem as escolhas feitas para a tradução de cada obra, de modo a clarificar certos padrões nas escolhas tradutórias com base no texto em língua inglesa.

⁴ Não nos ocuparemos, aqui, da discussão sobre a noção de original em tradução, mas anunciamos que não julgamos essa consideração válida de uma perspectiva discursiva em que cada enunciação é única e irrepetível.

⁵ Esta reflexão é um recorte da dissertação de mestrado desenvolvida pela autora. Neste momento, apresentaremos uma porção do que se produziu sobre a obra apresentada; maiores detalhes podem ser encontrados em DE JORGE, (2017).

⁶ Dado que o *nadsat* é uma língua fictícia, cotejou-se a transliteração oficial do russo a glossários especificamente desenvolvidos a partir da obra de Burgess. Aqui, apresentamos as referências mais citadas e utilizadas no período de escrita da dissertação: a versão digital do *Transliterated Dictionary of the Russian Language*, editado por Eugene Garfiel, e o glossário específico do Wikitionary.

Quadro 1 – A grafia de Burgess para os termos russos

Termo grafado por Burgess	Termo grafado com alfabeto cirílico	Transliteração Ru-In (Dic. UPenn)	Transliteração Ru-In (Glossário Wiki)
Baboochkas	бабушка	Babushkas	<i>Bábuška</i>
Chasso	часовой	Chasovoi	<i>Časovój</i>
Chepooka	чепуха	Chepukha	<i>Čepuxá</i>
Creech	кричать	Krik / Kriknut'	<i>Kričát'</i>
Deng	деньги	Den'gi	<i>Dén'gi</i>
Devotchkas	девочка	Devochka	<i>Dévočka</i>
Dobby	добрый	Dobro / Dobryi	<i>Dóbryj</i>
Droogs	друг	Drug	<i>Drug</i>
Goobers	губа	Guba	<i>Gubá</i>
Nochy	ночь	Noch'	<i>Noč'</i>
Ooko	ухо	Ukho	<i>Úxo</i>
Rassoodocks	рассудок	Rassudok	<i>Rassúdok</i>
Rooker	руки	Ruka	<i>Rúki</i>
Shooms	шум	Shum / Shumok	<i>Šum</i>
Smotting	смотреть	Smotret'	<i>Smotrét'</i>
Veshches	вещь	Veshch	<i>Vešč''</i>
Viddy	видеть	Videt'	<i>Videt'</i>

Fonte: Adaptado de DE JORGE (2017, pp. 92-94).

Embora o quadro só apresente alguns dos termos presentes na obra, guardando as características de seu uso, e apesar de, aqui, nossa seleção ter sido voltada para alguns dos exemplos mais marcantes, podemos perceber as diferenças entre a escrita de Burgess e as transliterações oficiais. A partir da observação de sua grafia, nos parece que o autor tenta aproximar sua transliteração⁷ da língua russa à grafia de língua inglesa, guardando as relações e os padrões ortográficos da língua anglo-saxã – a substituição de *u* por *oo*, de *a* por *ers*, a inserção de *c* diante de *k*, etc.

Tais diferenças sugerem como origem a transliteração em si, de modo que, ao grafar os sons constituintes de uma língua dentro dos padrões de outro alfabeto (que estabelece outras relações de som e sentido), não há regularidade ou prescrições acerca da melhor forma de fazê-

⁷ De modo geral, a relação fonema-grafema em russo é bastante direta: uma letra está vinculada a um som. No entanto, as relações sonoras, de uma língua para a outra, não são necessariamente guardadas, inclusive por apresentarem diferentes inventários fonéticos e fonológicos. Para maiores esclarecimentos, sugerimos DE JORGE (2017) e Moraes (2016).

lo. Essa questão é intensificada se tomarmos a liberdade artística do autor ao compor sua obra, uma vez que a grafia estabelecida por Burgess em sua relação com a língua russa se dá a partir de sua língua materna⁸.

A riqueza da linguagem pensada e articulada por Burgess, embasada em uma relação com a transliteração do russo grafado em cirílico para uma grafia a partir do alfabético latino e as representações fônicas de língua inglesa, já poderia ser um objeto de estudo por si só. Ao colocarmos tamanha tautologia em relação à tradução, todavia, acentuam-se os impasses linguísticos aí envolvidos. O tradutor não está trabalhando com as dificuldades de tradução tradicionais do contato entre duas línguas, mas sim com aspectos desconhecidos, resultantes da interação de dois idiomas distintos, ocasionando uma terceira variedade de formas que não condiz absolutamente com nenhum dos sistemas envolvidos.

E a pergunta, já exposta, se atualiza: qual seria a melhor maneira de proceder nessa situação? Como lidar com uma linguagem que pode ser tão familiar e tão distante ao mesmo tempo? Não temos respostas para essa questão, no entanto, cremos que observar as escolhas dos tradutores é de grande auxílio para as possíveis respostas. Observar soluções distintas promove certa evidência acerca do processo tradutório enquanto ato linguístico, mas também aponta a variedade de desenlaces a que tradutores distintos chegaram na tentativa de (re)constituir valor e sentido na língua da tradução. Diferentes escolhas nos permitem, igualmente, pensar sobre o lugar subjetivo do tradutor enquanto falante, assim como nas possibilidades de criação e articulação que idiomas diferentes possibilitam a seus falantes, o que inclui a tradução. Nos ocuparemos, mais especificamente, desta última.

3 *Nadsat* em tradução: comparação e problematização

Tendo em vista as possibilidades de transliteração elencadas no Quadro 1, o Quadro 2 apresenta uma seleção dos termos traduzidos por Nelson Dantas, cuja versão foi publicada em 1972 pela editora Artenova, e por Fábio Fernandes, em versão publicada em 2012 pela editora Aleph em comemoração ao aniversário de 50 anos de publicação da obra. As escolhas dos tradutores demonstram distintas formas de se proceder no que diz respeito à inquietante relação fonema-grafema da obra, além de demonstrar as possibilidades que a organização fônica em língua portuguesa enseja.

Embora os quadros e a análise aqui presentes estejam operando com entidades lexicais, o que está em jogo é toda a organização do sistema linguístico: a partir de cada exemplar (inglês, russo e português), os diferentes níveis linguísticos compõem a língua e instauram valores igualmente enquanto partes do sistema, evocando uns aos outros. Assim, ainda que não estejamos analisando sentenças neste momento, estamos nos ocupando do efeito do aspecto fônico na produção de sentido no sistema como um todo e na obra em si. Observemos, então, o que ocorre nos termos selecionados:

Quadro 2 – Traduções de Dantas e Fernandes

⁸ Gomes (2016) versa sobre essa questão com grande detalhe no aprendizado de língua adicional, especificamente em francês. Sua reflexão embasa nossa compreensão do processo de adaptação feita por Burgess.

Texto em Inglês	Transliteração Ru-In (Garfield)	Transliteração Ru-In (Wikitionary)	Dantas	Fernandes
Baboochka(s)#	Babushka	<i>Bábuška</i>	Babúchecas	Babushkas
Chelloveck	Chelovek	<i>Čelovek</i>	Tcheloveque	Tchelovek
Old veck	Vekovoi		Veque velho	Vekio ⁹
Creech	Krik / Kriknut'	<i>Kričát'</i>	Critchar	Krikar
Deng	Den'gi	<i>Dén'gi</i>	Dengue	Denji
Dobby	Dobro / Dobryi	<i>Dóbryj</i>	Dobe	Dobi
Droog(s)#	Drug	<i>Drug</i>	Drugues	Druguis
Goobers	Guba	<i>Gubá</i>	Gúberes	Gubers
Groody(ies)#	Grud'	<i>Grud' / Grúdi</i>	Grudes	Grudis
Malchick(s)#	Mal'chik	<i>Mal'čik</i>	Maltchiques	Maltchiks
Mesto	Mesto	<i>Mésto</i>	Méssito	Mesto
Ooko	Ukho	<i>Úxo</i>	Uco	Oko
Rassoodock(s)#	Rassudok	<i>Rassúdok</i>	Rassudocando	Rassudoks
Rooker	Ruka	<i>Rúki</i>	Rúquer / rúque	Ruka
Shoom(s)#	Shum / Shumok	<i>Šum</i>	Chumes	Shons
Slooshy	Slyshat'	<i>slúšat' / slýšat'</i>	Esluchar	Sluchar
Skorry	Skoryi	<i>Skóryj</i>	Escorre	Skorre
Smeck	Smekh	<i>Smex</i>	Esmeque	Smek

Fonte: Adaptado de DE JORGE (2017, pp. 101-103).

Podemos perceber diferenças significativas entre os termos se observamos a relação fonema-grafema empreendida por cada tradutor. Existem diferentes maneiras de observarmos a grafia de termos em língua portuguesa, mas também posicionamentos diferentes relativos ao próprio idioma russo, o que passa por diferentes percepções dos sons evocados por uma letra. Assim, tais questões são tão basilares para a análise quanto o posicionamento de Fernandes, que explica suas escolhas.

Na introdução à própria tradução, Fernandes (2012) afirma ter optado pelo uso de *ks* (por *cs* e *ques*) e *shs* (por *chs*) para manter a referência ao idioma russo, assim como a omissão dos *es* nos termos *sluchar*, *skorre* e *smek*. No entanto, esses detalhes esclarecidos e justificados

⁹ A obra em língua inglesa apresenta os termos *veck* e *old veck*; focamos aqui na forma composta por existirem em russo uma forma para isso.

As palavras aparecem transliteradas na sua forma singular, no entanto, os excertos analisados aparecem no plural. Por essa razão, optamos por fazer uma notação para nos referirmos a ambas as formas, com sua flexão plural entre parênteses em seguida.

pelo tradutor¹⁰ são apenas uma porção da questão. O uso de *is* e *es* na mesma posição (*grudes* e *grudis*, *drugues* e *druguis*, *dobe* e *dobi*) nas diferentes traduções apontam a relação alomórfica entre as vogais no português falado, compreensível e justificável ao lembrarmos que a linguagem retratada no livro remete à fala dos rapazes.

A presença dos *es* de Dantas, em comparação à sua ausência nos termos de Fernandes, também remete à formação silábica em português. Palavras estrangeiras cuja construção sonora apresenta consoantes desacompanhadas de vogais costumam ser grafadas com a inserção de vogais ao serem incorporadas à língua portuguesa: *internet*, *estresse*, *esporte*, etc. Algo semelhante ocorre ao compararmos *gúberes* e *gubers*, o primeiro termo seguindo normas padrão da forma plural de vocábulos terminados em *r*.

Contudo, os vocábulos que apresentam certa discrepância na opção dos tradutores também nos apontam para o funcionamento da língua portuguesa. *Dengue* e *denji* demonstram diferentes concepções do som do vocábulo russo a despeito do corrente uso do primeiro termo¹¹, assim como no caso de *méssito* e *mesto*, *crichar* e *krikar*, *uco* e *oko*, ou ainda *chumes* e *shons* – que apresentam encontro consonantal e nasalização das vogais tônicas, mesmo em se tratando de vogais diferentes.

Devemos também chamar a atenção para *vekio* em contraposição à *veque velho* e sua peculiaridade. A língua russa apresenta uma expressão para *old veck*, ou *veque velho*, como demonstrado no Quadro 2. *Vekio* não aparece na obra anglófona, contudo, Fernandes opta por uma forma distinta daquela composta em língua inglesa, ao mesmo tempo em que remete ao vocábulo italiano *vecchio* e à semelhança sonora entre o encontro consonantal *io* e o dígrafo *lh*, produzindo o efeito fônico [jo].

Ruka e *rooker* também se mostram destoantes em comparação, uma vez que sua relação fônica não é óbvia para o falante de língua portuguesa. Isso se dá, pois sua relação fônica é da ordem do idioma inglês: a pronúncia da terminação *-er* pode se assemelhar ao som [a] em sua variedade britânica, o que torna a grafia dos tradutores relativa ao inventário fonético-fonológico da língua inglesa.

Diferentes olhares para uma língua e para as questões fônicas aí implicadas resultam em diferentes expressões, orais ou gráficas. A poesia nos mostra isso a todo instante, e com *Laranja Mecânica* não é diferente. Essas questões estão necessariamente presentes na relação estabelecida entre falante e sistema, que pauta a instauração da fala em língua materna e em língua estrangeira (GOMES, 2016). Na tradução, essas duas questões são bastante relevantes, e se mostram com mais nitidez em obras literárias, especialmente naquelas que versam sobre os modos de dizer (e de ser), como a aqui apresentada.

Esta breve análise se fez possível a partir de uma leitura e da compreensão dos diferentes funcionamentos dos idiomas de língua russa, inglesa e portuguesa. Contudo, a reflexão só se fez clara a partir dos preceitos teóricos que a orientaram, mais especificamente, segundo as ideias de Ferdinand de Saussure. Por essa razão, a próxima etapa deste artigo se dedica a explorar concepções linguísticas presentes na obra saussuriana, a partir de uma leitura contemporânea de seu legado. A intenção, neste ponto, é demonstrar como uma reflexão sobre a língua enquanto sistema produtor de valores pode ser de grande valia para o tradutor em formação ou em profissão.

¹⁰ Para mais detalhes, ver DE JORGE (2017).

¹¹ Esse termo, em português contemporâneo, remete à doença transmitida pelo mosquito *aedis aegypti*, que, na época da primeira tradução, ainda estava sendo estudado – mais detalhes em DE JORGE (2017).

Acreditamos que estes conceitos ajudam a compreender o funcionamento linguístico, bem como possibilitam uma observação cuidadosa em situações como o *nadsat*, sendo uma excelente ferramenta para compreender questões delicadas sobre processo da tradução. Do mesmo modo, alcançar soluções para momentos de impasse torna-se uma forma de pensarmos a língua em uso e como pô-la em jogo. Passemos, então, ao legado saussuriano.

4 A língua e seus efeitos: uma proposta de análise saussuriana

O pensamento saussuriano, como escreveu Gadet (1987), é bastante circular – cada conceito remete a todos os outros, o que pode tornar sua compreensão confusa ou incoerente quando tentamos observá-lo de maneira segmentada. Entretanto, é bastante difícil abordar um pensamento tão complexo sem apresentar “primeiros” e “segundos”. Desse modo, o primeiro e talvez fundamental aspecto da linguística saussuriana a ser considerado quanto à prática tradutória é a noção de língua como sistema, especialmente quando considerada inerente à linguagem.

Por ter funcionamento articulado e apresentar certos padrões, a língua possibilita a existência e a significação de suas entidades, uma vez que cada entidade linguística apresenta função específica a partir das relações que estabelece com as demais. Tais relações são fruto tanto do valor linguístico como da arbitrariedade dos signos, uma vez que as diferentes funções são mais ou menos definidas dentro da combinação que lhes dá lugar. A língua, sendo um sistema de signos, arbitrários, relativos e negativos (SAUSSURE, 2006, p. 132), permite a comunicação, a nomeação e a concretização do pensamento, o que se estabelece em sua materialização: na fala.

Quando idiomas distintos são postos em relação, como ocorre na tradução, tais questões se tornam bastante evidentes. Vocábulos que têm significação distinta a partir do uso – ou do contexto – podem ser verdadeiros impasses ao tradutor, ainda que sejam termos corriqueiros. Podemos exemplificar citando anedotas de tradução, como a versão do termo “manga”, referindo-se à fruta, pelo termo *sleeve* em língua inglesa, que faz referência à manga de uma peça de roupa. Semelhantemente, o nome utilizado para falarmos do país Peru, em português, é o mesmo dado à ave galinácea peru, o que se reproduz em língua inglesa em outra proporção: *turkey*, que faz referência à mesma ave, também dá nome a um país, mas à Turquia (*Turkey*).

Essas historietas demonstram, por um lado, o quanto as relações de sentido que se estabelecem na língua são bastante peculiares a cada idioma e, por outro, uma noção de que os termos de uma língua guardam em si um valor definido; esta última questão é exatamente o contrário do que nos diz Saussure. É precisamente devido às articulações particulares das entidades de cada sistema que os sentidos e valores se estabelecem, não havendo equivalência entre sistemas: “Se as palavras estivessem carregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim”. (SAUSSURE, 2006, p. 135)¹²

É tendo isso em conta que consideramos idiomas diferentes como expressões distintas do sistema da língua, formando, assim, sistemas autônomos. Cada idioma apresenta formas mais ou menos definidas com funções delimitadas no discurso. As relações que ocorrem em

¹² Devido à brevidade do espaço aqui apresentado, resumiremos nossas citações àquelas presentes no *Curso de linguística geral* (2006). No entanto, cabe ressaltar que a reflexão aqui proposta é perpassada pela leitura de obras saussurianas e pelos textos de alguns de seus leitores.

presença e em ausência são responsáveis pelas possibilidades de uso que, quando superpostas indiscriminadamente, de um sistema para o outro, podem resultar em equívoco¹³. Por se tratar de sistemas distintos, não podemos esperar que as relações sejam as mesmas: podemos, inclusive, verificar grandes semelhanças entre idiomas, mas não poderíamos tomá-las como equivalências¹⁴.

A literatura é um dos principais ambientes para pensarmos sobre essa questão, uma vez que o ato criativo tende a ultrapassar ou, ao menos, deslocar as linhas de delimitação ordinárias na língua e na linguagem. É nesse lugar que se vê – mais corriqueiramente, mas não exclusivamente – neologismos, novos conceitos e a revisitação e reinterpretação de arcaísmos, alterando e renovando o sistema como um todo¹⁵. Essas questões acabam pondo em xeque uma visão mais dicionarista ou gramaticeira de língua, o que acaba pondo em questão aquilo que sustenta a língua enquanto sistema: seu uso, a fala.

É a fala que permite à língua alterar-se, o que, por outro lado, também lhe permite permanecer (SAUSSURE, 2006, pp. 27, 115, 121). É a constante relação entre os valores de uma língua, em presença (sintagmatização) e em ausência (associações no eixo paradigmático), que torna o sistema significante. E é por esse motivo que, apesar de nos debruçarmos sobre “palavras isoladas” do *nadsat*, em verdade, olhamos para o funcionamento de todo o sistema: é impossível observar uma única parte sem levar em consideração os outros elementos. Mais amplamente, não é apenas do sistema do *nadsat* que se trata, mas sim dos elementos que estão em questão para que “exista” o *nadsat*, bem como o que se deve levar em consideração para a sua tradução.

Desse modo, se olharmos para os usos e as articulações da tradução e tentarmos pensá-los num contexto de língua, chegaremos a um dos principais construtos saussurianos: o valor linguístico. O valor é fruto das relações e da arbitrariedade do signo. O signo, sendo a união irrefutável e inseparável entre significante e significado, sem que haja qualquer motivação para sua união, é a porção que permite a construção do valor, mas apenas em relação. O signo linguístico é imaterial e não se apresenta sozinho – insistimos, apenas em relação – o que significa que o apreendemos no uso, quando já não se trata mais do signo puramente.

Por esse motivo, não tratamos exclusivamente de sentidos em tradução, ou em qualquer instância da língua. O que compreendemos por sentido é apenas um efeito da instauração do discurso, que é percebido necessariamente em relação aos elementos do sistema como um todo. Estaríamos, então, tratando com valores ao invés de unidades? Acreditamos que, ao tratarmos de valores, se torna inevitável tratarmos de significações e da maneira como elas se organizam.

Se as significações são percebidas apenas em relação, é inevitável lidar com as significações incutidas na organização dos valores da língua: “[...] de um lado, o conceito nos

¹³ A tradução dita literal é responsável por equívocos, mas também por nomenclaturas e terminologias científicas, especialmente no âmbito das ciências médicas. Para mais informações, ver Gonçalves (2016).

¹⁴ A equivalência, nos estudos de tradução, é uma herança tanto combatida quanto tentadora. Se por um lado é desconsiderada por muitos como um conceito orientador atualmente, por outro, ainda é bastante usual por alguns estudiosos, especialmente na pesquisa de padrões tradutórios e mudanças de tradução no contexto relacional entre texto fonte e texto alvo (KUNZ; TEICH, 2017). Ao compreendermos que diferentes relações ocorrem a cada situação linguística – ou seja, diferentes expressões do sistema da *langue* estabelecem diferentes valores por se organizarem de formas distintas – compreendemos que não poderia haver equivalências entre idiomas e, conseqüentemente, a noção de equivalência entre termos ou expressões também se altera. Embora tal conceito seja importante para a reflexão sobre tradução, entendemos que podemos repensá-lo de modo produtivo de uma perspectiva do valor.

¹⁵ Mais detalhes sobre a renovação do sistema a partir do uso e da criação de neologismos segundo uma abordagem saussuriana, conferir Ribeiro (2019).

aparece como a contraparte da imagem auditiva, no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. (SAUSSURE, 2006; p. 133)”

Assim, o valor instituído no discurso é construído, fruto da combinação das formas linguísticas, e não terá tradução pronta ou prevista – ainda que possamos argumentar que, costumeiramente, preferem-se certos termos ou expressões a outros. Contudo, essa preferência não significa que haja equivalência: uma vez que o funcionamento depende das formas, de sua significação e de sua combinação, cada sistema é único, o que possibilita diferentes possibilidades de instaurarmos um “mesmo” dizer – bem como diferentes transliterações de um mesmo alfabeto, talvez até de se falar *nadsat* de maneiras diferentes. Não seriam possíveis, então, diferentes traduções para esse “mesmo” dizer?

Outra questão que suscita a discussão é a unidade. Sabemos bem qual a unidade proposta por Saussure: o signo, composto de um significado e um significante, intimamente interligados, e sendo ambos imateriais. Qual seria a unidade da tradução considerando o pensamento saussuriano, seria também o signo? Embora a resposta para uma pergunta dessa ordem seja bastante delicada, o lógico seria responder que não. Não encontramos signos isolados do valor que os constituem, assim como a própria noção de signo pode flutuar entre fonemas, morfemas, palavras, orações etc., exatamente pela impossibilidade de apreensão fora de um jogo de relações.

Voltamos, assim, à questão da arbitrariedade e ao signo linguístico, estabelecendo relações a partir do uso e dos acordos que se faz para que se possa falar uma língua. Ao passo que um mesmo vocábulo pode apresentar significações diferentes, que constituirão valores diferentes a partir da articulação entre diferentes entidades linguísticas, a tradução já não poderia ser resumida a termos específicos, assim como o sentido de uma oração ou de um sintagma não se resumirá àquilo que chamamos de palavra: ela é fruto de encadeamentos.¹⁶

Isso, somado às diversas formas que um falante pode encontrar para exprimir-se linguisticamente, auxilia na maneira de pensarmos o signo como outra coisa que um vocábulo, como de costume, pois “O que se disse das palavras aplica-se a qualquer termo da língua [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 135). Ao alterarmos relações fônicas em um idioma, alteramos a maneira como estamos veiculando o sentido no discurso, o que podemos verificar em poemas, textos orientados fonicamente e tantas expressões linguísticas cotidianas – trocadilhos, jogos de palavras, chistes.

Tais usos veiculam ideias, sentimentos, críticas e quaisquer pensamentos através de uma organização linguística calcada em aspectos específicos, e estão atrelados ao caráter fônico da língua – ritmos, melodias, rimas, métricas –, mas também a todas as relações que a língua permite estabelecer. Percebemos essa noção mais claramente na tradução, na dificuldade de veicular tais ideias, seja ao contestarmos a escolha dos vocábulos de um poema ou a alteração de sua métrica – não é incomum, nesses casos, a crítica sustentada pela inequivalência e afirmação de uma “alteração do sentido original”, alegando-se inclusive o empobrecimento de um texto.

Perguntamos, no entanto: como manter as relações fônicas de uma língua em outra? É

¹⁶ Embora o trecho apresentado possa sugerir uma ordem dos acontecimentos na língua, as unidades se apresentam concomitantemente aos valores que formam. Por delimitarem-se mutuamente, não se poderia inferir valores sem levar em consideração as unidades, da mesma forma que não se poderia defini-las separadamente do valor que estabelecem. Como já mencionado, a circularidade do pensamento saussuriano não nos permite estabelecer uma ordem ou hierarquia de abordagem dos elementos, mas, para fins didáticos, certos recortes e posicionamentos se fazem necessários.

possível estabelecer as mesmas relações de sentido casadas às organizações fônicas semelhantes entre línguas distintas? Se sim, em que medida?

Essa questão é que conduz nossa análise, uma vez que Burgess nos demonstra sutil e graficamente as relações que um falante consegue estabelecer com uma língua estrangeira. Enquanto Burgess se vale de processos analógicos das mais diversas ordens para reproduzir elementos fônicos do russo para o falante de língua inglesa, os tradutores acabam por se utilizar, igualmente, de processos analógicos na tentativa de (re)produzir semelhantes relações em outro idioma. Retomando o que havíamos mencionado anteriormente, não se fala o mesmo *nadsat* em inglês e em português – excluir o “sotaque” é uma tarefa complicada, mesmo na tradução de um texto escrito.

Inevitavelmente, falantes distintos irão organizar articulações diferentemente, organizando, então, sentidos em relações sintagmáticas e associativas dentro de seu escopo de língua estrangeira e da língua da tradução. Por essa razão, estabelecer julgamento acerca de melhores ou piores escolhas – além de não ser nosso objetivo aqui – pode ser uma ilusão, uma vez que as opções dos sujeitos estão inquestionavelmente ancoradas em percepções, noções e empregos de língua(s).

Quando se articulam aspectos fônicos, articula-se a língua toda – o amplo de seu inventário fonológico, mas também de seus morfemas, dos sentidos veiculados por vocábulos inteiros ou mesmo por suas partes, e também sentenças e orações. Ao se movimentar um nível da língua, movimentam-se todos os outros, dado que estão profundamente vinculados: “cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia.” (SAUSSURE, 2006, p. 131)

5 Conclusão

Observar a tradução pelo viés linguístico é, há algum tempo, um posicionamento arriscado, uma vez que tal movimento pode ser entendido como uma tentativa de determinar certos e errados, decretando sentidos e limitando escolhas. No entanto, como se buscou demonstrar a partir de nossa problemática e da discussão apresentada, tal concepção é bastante discutível.

Ao considerarmos línguas diferentes como sistemas distintos, formados por unidades da língua específicas, e que se estabelecem por íntimas e indissociáveis relações entre significados e significantes, a concepção de tradução que se propõe é outra. Ao mesmo tempo em que conversa com noções de tradução muito trabalhadas por correntes teóricas ligadas aos Estudos Culturais e ao Funcionalismo, a concepção linguística a partir de uma linguística de base saussuriana possibilita uma visão dos usos e do funcionamento das línguas em específico e em relação, tendo em conta o que se diz e o que não diz, bem como o que se poderia dizer.

O tradutor amparado por esses conceitos é livre – livre para compreender dentro do ambiente da língua, ao mesmo tempo em que livre para criar, considerando suas necessidades e as ferramentas que tem para tanto. O tradutor, como falante e como profissional, consegue perceber o funcionamento dos sistemas em sua amplitude e complexidade, encontrando possibilidades a partir do que as línguas proporcionam. Assim, o ato de traduzir pode ser encarado como um ato linguístico em si, cujos impasses, como os orientados pelo fônico, são um trabalho de linguagem.

Este artigo, bem como a dissertação que lhe dá origem, não foram as primeiras vezes em que se deu a reunião de tradução e preceitos saussurianos. Henri Meschonnic (2010) e Luis José Prieto (1993 [1994]), respectivamente, com base em uma noção de ritmo e de uma perspectiva semiótica voltadas à tradução, desenvolveram perspectivas a partir do legado de Ferdinand de Saussure. Recentemente, Flores (2021) se dedicou à tradução enquanto objeto, e recorre a Saussure e Benveniste para tanto. Embora nos aproximemos mais do primeiro teórico que do segundo, assim como tenhamos nossas afinidades com o posicionamento do terceiro em termos de perspectiva e de leitura, ainda assim tratamos de algo diferente. Próximo do que falamos sobre as possibilidades que a teoria traz ao tradutor, ela também traz a seus leitores, tanto em termos de compreensão como sobre um mesmo objeto.

A noção de tradução aqui apresentada é apenas um dos múltiplos prismas do valor do legado saussuriano para a tradução. Ela serve a qualquer tipo de texto, ainda que tenhamos nos ocupado das questões fônicas e nos valido da obra de Burgess e suas peculiaridades para explorá-la. Optamos pela análise de uma obra tão singular pois, ao explorarmos e contestarmos o singular, o deslocamento para um objeto corriqueiro se torna quase óbvio, e a reflexão como um todo se faz clara e lógica.

Sabemos, contudo, que as questões referentes à tradução, incluindo aquelas aqui abordadas, não são simples e que a nossa proposta não resolve as questões que surgem como um todo. O âmbito de linguagem é vasto e beira o infinito, apresentando tantos casos específicos quantos falantes houver – como nos lembra Saussure (2006, p. 28) ao versar sobre a linguística da fala. No entanto, ao vislumbrarmos uma teoria como a saussuriana, que demonstra coerência na continuidade completar dos elementos que a formam, algumas soluções podem se fazer mais claras e palpáveis, ou, ao menos, mais acessíveis.

Sabemos, também, como nos lembra Benveniste (2006), que o semiótico é o intraduzível da língua – o que se pode traduzir é o semântico, os valores estabelecidos no discurso. Quando o semântico, mais do que de costume, se embasa no aspecto semiótico para produzir efeitos, é de uma reflexão sobre língua e linguagem que carecemos. Assim, encerramos a presente exposição com a plena certeza de que o legado saussuriano pode servir de grande apoio aos estudos tradutórios, seja na tradução em ato ou como objeto de análise.

Referências

- BURGESS, A. *A Clockwork Orange*. Londres: Penguin Books, 1972.
- BURGESS, A. *A Clockwork Orange - The Restored Edition*. Londres: Norton & Company, 2012. Versão digital.
- BURGESS, A. *Laranja Mecânica*. Trad. Nelson Dantas. Rio de Janeiro: Artenova, 1972. Versão digital.
- BURGESS, A. *Laranja Mecânica*. Trad. Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2012.
- DE JORGE, B.C. A tradução como um fenômeno de linguagem – uma abordagem saussuriana. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- DEPECKER, L. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- D’OTTAVI, G. Ferdinand de Saussure et monsieur B. In: *Bollettino di italianistica - Rivista di*

- critica, storia letteraria, filologia e linguística*. Roma: Sapienza Università di Roma, 2010.
- FLORES, V. do N. *Saussure e a tradução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.
- GADET, F. *Saussure. Une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- GARFIELD, E. *Transliterated Dictionary of the Russian Language*. Disponível em: <<http://garfield.library.upenn.edu/rd/rdrusindex.html>> Acesso em: 01 abril 2022.
- GOMES, J. N. *Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras a luz da teoria saussuriana*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- GONÇALVES, L. A. *Terminologia científica e técnica em tradução literária*. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.
- KUNZ, K; TEICH, E. Translation studies. In: BARTLETT, T.; O'GRADY, G. *The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics*. New York: Routledge, 2017.
- MESCHONNIC, H. *Poética do traduzir*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- MILANO, L. E. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. In: *Eutomia*, nº 16 (1), pp. 245-258, Recife, Dezembro de 2015.
- MILANO, L. E. O fônico em Saussure: um apêndice no Curso de linguística geral?. In: FARACO, C. A. *O efeito Saussure*. São Paulo: Parábola, 2016.
- MILANO, L. E. O rastro do som em Saussure. In: *Nonada* – v. 2, nº 21, pp. 285-295. Porto Alegre: Uniritter, 2013.
- MORAES, E. C. de. *Reflexões sobre a transliteração russo-português à luz da linguística saussuriana*. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies*. New York : Routledge, 2016.
- NORMAND, C. Le CLG: une théorie de la signification? In: *La quadrature du sens : questions de linguistes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- PRIETO, L. J. L'acte de communication traductif. In: *Cahier Ferdinand de Saussure – Revue de linguistique générale publiée par le Cercle Ferdinand de Saussure*, n. 47, 1993 [1994], pp. 107-141. Genebra: Librairie Droz, 1994.
- RIBEIRO, J. de Q. “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido”: uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 2005.
- SAUSSURE, F. de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Phonétique*. Padova : Unipress, 1995.
- SAUSSURE, F. de. *Science du langage – De la double essence du langage*. Édité par René Amacker.

Genebra: Librairie Drozs, 2011.

STEINER, G. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Curitiba: UFPR, 2005.

WIKITIONARY. *Appendix A Clockwork Orange*. Disponível em: <https://en.wiktionary.org/wiki/Appendix:A_Clockwork_Orange>. Acesso em: 01 abril 2022.

Recebido em: 06/04/22

Aceito em: 21/07/22